

# ALGUNS COMENTÁRIOS SOBRE O DESTINO DO CAMPESINATO EM MARX<sup>1</sup>

OSVALDO HELLER DA SILVA<sup>2</sup>

RESUMO - Neste trabalho objetiva-se investigar, em Marx, o campesinato (a classe social intermediária entre os detentores dos meios de produção e os assalariados agrícolas): se fadado ao desaparecimento absoluto ou, ao contrário, constituiu-se em classe social estruturalmente pertencente ao modo de produção capitalista. Trata-se de um trabalho de pesquisa bibliográfica. Delimitou-se a análise a três trabalhos de Marx considerados representativos nesta discussão: 'O 18 Brumário', 'Formações Econômicas Pré-Capitalistas (Grundrisse)' e 'O Capital'. Feita a análise, chegou-se à conclusão de que o autor aponta uma tendência geral de desenvolvimento do capitalismo onde, em escala social, o capital expropria os pequenos produtores transformando-os, mesmo que **potencialmente**, em trabalhadores assalariados. Porém, esta tendência geral não exclui a ocorrência de tendências particulares e localizadas de manutenção ou mesmo recriação de alguma forma de pequena produção rural, não estruturais, entretanto, ao modo de produção capitalista.

Termos para indexação: campesinato, produção familiar, capitalismo.

## SOME COMMENTS ABOUT CAMPESTRAL DESTINY BY MARX

ABSTRACT - This work tries to investigate whether, in Marx, the social class of rural petty producers (landowners and rural wage laborers) is destined to disappear or whether it is a class structurally inherent to the capitalist production mode. The work is one of bibliographic research, analysing the writings of Marx considered important on this question: 'The 18 Brumaire', 'Pre-Capitalist Economic Formation (Grundrisse)' and 'Capital'. The conclusion reached is that Marx indicates a general tendency in the development of capitalism where, on a **social scale**, capital expropriates the campesinos transforming them, at least **potencially**, into rural wage laborers. At the same time, this trend does not exclude the occurrence of other trends where some forms of campesinos remain or are even revived, but these trends are restricted to specific localities and historic circumstances, i.e., they are not structurally inherent to the capitalist production mode.

Index terms: campestrial, petty production, capitalism.

## INTRODUÇÃO

O tema escolhido para este trabalho - o destino do campesinato no modo de produção capitalista - partiu da necessidade de avançar-se na discussão de um tema que parece estar no centro da problemática social no meio rural. Já de algum tempo, trava-se um acalorado debate acerca deste tema nos meios acadêmicos e de pesquisa. Trata-se de saber quais são as tendências de desenvolvimento da

<sup>1</sup> Recebido em 06 de setembro de 1985.  
Aceito para publicação em 17 de fevereiro de 1986.

<sup>2</sup> M.S. em Sociologia Rural, Técnico da Secretaria de Estado da Agricultura do Paraná - Departamento de Economia Rural (DERAL/SEAG) - Rua dos Funcionários, 1559 - Juvevê - CEP 80000 - Curitiba, PR.

sociedade contemporânea, e como estas tendências atuam, em particular, sobre a trajetória da classe social dos pequenos produtores rurais.

Dada a expansão do modo de produção capitalista, há autores que prognosticam o extermínio sumário do campesinato. Segundo estes, com a crescente polarização da sociedade em duas classes sociais, que contrapõe, de um lado, detentores dos meios de produção e, de outro, vendedores da força de trabalho, não haveria mais lugar para o desenvolvimento de uma classe social que carrega características das duas **classes fundamentais**. Em contrapartida alguns autores, com diferentes argumentos, buscam justificar a existência de uma tendência à permanência, recriação ou mesmo expansão do campesinato na sociedade atual. Como contribuição a este debate, pretende-se fazer alguns comentários acerca do modo como este tema aparece nos escritos de Marx.

Pretende-se investigar este assunto, na obra de Marx, por acreditar-se necessário tentar contribuir para a clarificação das posições do autor. Isto, primeiramente, devido ao lugar que ocupa este autor nas Ciências Sociais, de um modo geral, e, em particular, na Sociologia Rural. Entende-se como injustificável qualquer pretensão de um trabalho sério em Sociologia Rural que ignore a obra de Marx. Segundo, devido ao fato de serem ainda bastante imprecisas e até contraditórias as apreciações com relação às posições do autor neste tema. Se, por um lado, tem-se, claramente, as limitações deste artigo, por outro, entende-se ser possível e necessária alguma contribuição, por pequena que seja.

Os limites deste artigo esbarram em duas ordens de questões. De um lado a pequena abrangência dos escritos aqui analisados. Tomou-se por base três obras bastante representativas nesta discussão, porém insuficientes: 'O 18 Brumário', 'Formações Econômicas Pré-Capitalistas (Grundrisse)' e 'O Capital'. De outro lado, trata-se das dificuldades encontradas em apreender o conjunto das idéias de Marx, isto é, surgiram dificuldades em distinguir-se, em muitos momentos, o particular do geral, o episódico do permanente, o central do secundário.

No entanto, conseguiu-se sistematizar alguns aspectos importantes das posições do autor com respeito ao destino social e histórico do pequeno produtor face à penetração do capital no meio rural.

Quanto ao desenvolvimento do artigo, deu-se início a partir das idéias centrais de Marx, como aparecem nas três obras, em ordem cronológica. Isto feito, esboçaram-se algumas conclusões a respeito das posições do autor.

## ANÁLISE

### O campesinato em 'O 18 Brumário de Luís Bonaparte'<sup>3</sup>

Amiúde em 'O 18 Brumário, ao caracterizar os camponeses existentes na França, em meados do século passado, Marx utiliza uma série de adjetivos. Poderia-se con-

---

<sup>3</sup> Escrito por Marx entre dezembro de 1851 e março de 1852.

cluir que se trata de um preconceito seu, de uma posição valorativa que o levaria a menosprezar esta parcela da população rural. Todavia, parece que esta conclusão não é a mais acertada.

Ao utilizar os adjetivos **embrutecido**, **supersticioso**, **preconceituoso** (1978:398), Marx pretende transmitir ao leitor os traços característicos da mentalidade e do nível cultural do camponês. Também, ao taxá-los de **trogloditas** (1978:399), o autor está preocupado em caracterizar as péssimas condições de habitação daquela população. Sobre isto, diz:

*'Dezesseis milhões de camponeses (inclusive mulheres e crianças) vivem em antros, a maioria dos quais só dispõe de uma abertura, outros apenas duas e os mais favorecidos apenas três. E as janelas são para uma casa o que os cinco sentidos são para a cabeça.'* (1978:399)

Luís Bonaparte era o representante dos camponeses, estes o haviam eleito em dezembro de 1848 (1978:396). E Marx o caracteriza de 'personagem medíocre e grotesca' (1978:325). Aqui também não se encontra uma posição valorativa em relação a Bonaparte, nem muito menos aos camponeses que ele representa. O autor aqui pretende salientar o que a burguesia é capaz de fazer para 'poder entregar-se a seus negócios particulares com plena confiança' (1978:386) abdicando ao poder político e entregando-o nas mãos de um típico aventureiro.

Além disso, ao se referir à classe dos camponeses, Marx compara-a a um 'saco de batatas' (1978:397). Aqui também não há nenhum tratamento pejorativo por parte do autor, mas sim que, utilizando-se de uma figura de linguagem, pretende dar a real dimensão das condições sociais desta classe. No caso, Marx está se referindo ao isolamento e atomização da família camponesa que se mantém praticamente auto-suficiente em relação às demais famílias camponesas. Assim, ele salienta que os camponeses constituem uma classe social somente na medida em que 'milhões de famílias camponesas vivem em condições econômicas que as separam umas das outras, e opõem o seu modo de vida, os seus interesses e a sua cultura aos das outras classes da sociedade . . .' (1978:397). No entanto, na medida em que não existe entre eles 'comunidade alguma, ligação nacional alguma, nem organização política (atomizados como batatas num saco), nesta exata medida não constituem uma classe' (1978:397. Parênteses nossos). No primeiro caso, tem-se o que Marx chamaria de *classe em si*, e no segundo, a **classe para si**.

O autor também enfatiza a força numérica do campesinato francês que se constitui na 'massa da nação' (1978:334), em contraste com o proletariado que seria minoritário. No entanto, apesar da pequena expressão numérica ' . . . o proletariado de Paris respondeu com a Insurreição de Julho (de 1848), o acontecimento de maior envergadura na história das guerras civis da Europa.' (1978:334. Parênteses nossos)

Ou ainda:

*'Durante as jornadas de julho todas as classes e partidos se haviam congregado no partido da ordem, contra a classe proletária, considerada como o partido da anarquia, do socialismo, do comunismo.'* (1978:335)

Aqui fica evidente a importância política que Marx dá ao proletariado — embora uma classe ainda nascente — ao contrário do campesinato incapaz 'de fazer valer seu interesse de classe em seu próprio nome.' (1978:397)

Disto Marx conclui que cabe aos camponeses buscarem 'seu aliado e dirigente natural no proletariado urbano, cuja tarefa é derrubar o regime burguês.' (1978:400)

Marx coloca, em 'O 18 Brumário' acerca do destino do pequeno produtor rural, e referindo-se à pequena-burguesia urbana francesa, que esta seria uma 'classe de transição' (1978:353). Muitas vezes, Marx, em sua obra, se referiu ao campesinato como pequena-burguesia rural, procurando salientar as semelhanças de natureza societária, entre estas duas classes. Disto podemos tentar inferir que o autor também via no campesinato uma 'classe de transição', portanto não uma classe fundamental da sociedade, mas em constante transição, seja para a burguesia, seja para o proletariado. Assim, estaria aí apontada a extinção, cedo ou tarde, do campesinato enquanto classe.

Na mesma linha de raciocínio poderia-se interpretar a seguinte frase:

*'Como se a indústria pudesse chegar a algum acordo com o latifúndio enquanto este não se decidisse tornar-se industrial.'* (1978:380)

Ou seja, haveria a necessidade de transformação do latifúndio em indústria, com todas as decorrências: crescimento da dependência de matérias-primas para a produção agrícola, racionalização da produção, mecanização e, sobretudo, constituição de um proletariado rural em detrimento do campesinato. Isto é, a implantação no meio rural da relação social de produção que dá suporte à indústria moderna, qual seja, a mercantilização da força de trabalho.

O autor também coloca que o desenvolvimento do capitalismo na França leva à 'ruína progressiva da pequena propriedade' (1978:401). E que, por outro lado, acelera-se 'a concentração da propriedade' (1978:403). Destas duas constatações de Marx, como nos casos anteriores, poderia-se inferir a existência de um processo de aniquilamento deste pequeno produtor direto.

Porém, nenhuma destas inferências deve levar a conclusões apressadas. Sabemos que, diferentemente do caso inglês, na França não houve o processo de cercamento das terras. Napoleão Bonaparte distribuiu terras aos camponeses livres, recém saídos da servidão feudal. Sob o regime de Napoleão, Marx vai dizer que a pequena propriedade

*'... suplementava a livre concorrência e o começo da grande indústria nas cidades.'* (1978:399)

Mais adiante diz:

*'... a pequena propriedade forma uma base adequada a uma burguesia todo-poderosa e inumerável.'* (1978:400)

Como se vê, nestas passagens, curiosamente para alguns, Marx concede a qualidade de progressista à pequena produção. Qualquer generalização aqui seria perigosa, visto que o autor está se referindo à situação particular da França recém liberta do feudalismo. Transparece, com nitidez, a idéia em Marx da 'funcionalidade' da pequena produção, nesta situação histórica peculiar. O capital tem interesse nesta pequena produção, na medida em que ela 'é agora o único pretexto que permite ao capitalista retirar lucros, juros e renda do solo, ao mesmo tempo em que deixa ao próprio lavrador o cuidado de obter o próprio salário como puder.' (1978:399)

Até aqui tentou-se desfazer eventuais equívocos que poderiam existir quanto às posições de Marx em 'O 18 Brumário'. Observe-se, então, os 'Grundrisse'.

#### **O campesinato em 'Formações Econômicas Pré-Capitalistas'<sup>4</sup>**

Diferentemente de 'O 18 Brumário', nos 'Grundrisse' as preocupações de Marx são muito mais econômicas e sociais que políticas. Desta forma, as referências que se encontra aqui, quanto ao destino do campesinato, dizem mais respeito às relações econômicas e sociais que ocorrem na esfera da produção. Além disto, cabe também registrar os limites das conclusões que possamos tirar destes escritos do autor, visto tratarem-se de rascunhos (grundrisse, na língua alemã) daquilo que dez anos depois viria se constituir em 'O Capital'.

Feitas estas ressalvas iniciais, passa-se à discussão dos 'Grundrisse'. Em vários trechos destes escritos de Marx, aparecem afirmações bastante taxativas quanto à dissolução da pequena produção, como condição à penetração do capital no campo. Ele afirma que:

*'... a (história) moderna consiste na urbanização do campo ...'* (1977:75)

A partir disto pode-se supor que, para 'urbanizar' o campo se faz necessário estender até lá a relação de produção típica da sociedade urbana moderna — a capitalista.

<sup>4</sup> Escrito por Marx entre outubro de 1857 e março de 1858. A edição consultada foi a em espanhol da Editora Grijalbo, de Barcelona, que leva o título de 'Líneas Fundamentales de la Crítica de la Economía Política' ('Grundrisse'). Entretanto, as citações que aqui aparecem são da tradução em português de parte dos 'Grundrisse' sob o título de 'Formação Econômicas Pré-Capitalistas', feita pela Paz e Terra.

Ao encontro deste ponto de vista, localizam-se outros trechos:

*' . . . a relação do trabalho com o capital . . . pressupõe um processo histórico que dissolve as diversas formas nas quais o trabalhador é um proprietário e o proprietário trabalha.' (1977:91-2)*

*' A fórmula 'capital' . . . implica, em primeira instância, a não-propriedade da terra; i. é, a ausência de um estado em que o indivíduo trabalhador considere a terra, o solo, como seu próprio e o trabalhe como seu proprietário.' (1977:93)*

*' Entretanto, desde que o capital e seu processo existam, conquistam toda a produção e provocam e acentuam, por toda parte, a separação entre trabalho e propriedade, entre trabalho e as condições objetivas de trabalho. Subseqüente desenvolvimento mostrará como o capital destrói . . . até a si mesmo, nas formas em que não se mostra em contradição com o trabalho: no pequeno capital e nos tipos intermediários ou híbridos, situados entre os modos de produção antigos . . . e no modo de produção clássico, adequado, do próprio capital.' (1977:109. Grifos nossos)*

Assim, se tomar-se ao pé da letra as palavras de Marx, nestes trechos, tem-se que a penetração do capital no campo implica, 'em primeira instância', a dissolução 'por toda a parte', não de algumas formas, mas 'das diversas formas' de produção não tipicamente capitalistas, inclusive 'tipos intermediários e híbridos'. Portanto, não deve restar pedra sobre pedra: qualquer forma de produção que se assemelhe à camponesa deve inexoravelmente ser destruída pelo capital.

Todavia, tais conclusões seriam demasiado rasteiras e apressadas caso se limitassem a estes trechos dos 'Grundrisse'. Noutras passagens Marx dará margem a interpretações menos cabais quanto ao destino do pequeno produtor.

Vejamos o que Marx escreve na página 108:

*'O outro aspecto deste processo (da produção capitalista) é o advento do arrendatário e a transformação da população agrícola em trabalhadores – diaristas livres. Embora o campo seja o último local em que esta transformação triunfa em suas formas mais puras e lógicas, alguns dos desenvolvimentos iniciais verificam-se ali.'*

Se é verdade que, nesta passagem, o autor ainda mantém aquela visão de transformação da população em trabalhadores assalariados como uma necessidade para o capital, Marx é bem mais cauteloso. Ele procura salientar as diferenças entre estas transformações no meio urbano e no rural. O campo será 'o último local' em que estas transformações chegarão ao seu final. Muito embora estas diferenças aqui apontadas por Marx, não passem de diferenças quanto aos ritmos e os prazos.

Porém, o autor tem o cuidado de não fazer uma transposição mecânica do desenvolvimento da indústria urbana para o desenvolvimento do capital no meio agrário.<sup>5</sup>

Em muitos momentos, Marx colocará a dissolução da pequena propriedade como condição histórica, como pressuposto histórico para o desenvolvimento do capitalismo. Isto é, o autor enfatizará que para a acumulação de capital é preciso que, a nível histórico, se dê a dissolução desta pequena propriedade. Nos parece que, ao afirmar isto, Marx não está se referindo a um processo absoluto e inapelável de aniquilamento da pequena produção. Assim, ele escreve que 'uma das condições históricas do capital é o trabalho livre' (1977:65).

Ao discutir a necessidade da produção de valor de troca no capitalismo, Marx coloca que é preciso haver o predomínio da relação de produção capitalista-trabalhador livre. Note-se que o autor não fala em aniquilamento total de outras relações de produção, mas fala em **predomínio**. Marx diz:

*'Análise mais acurada mostrará que são dissolvidas (no desenvolvimento do capitalismo), em todos estes processos de dissolução, as relações de produção em que predomina o valor de uso, a produção para uso imediato. O valor de troca e sua produção pressupõe a predominância da outra forma (a capitalista).' (1977:98. Parênteses e grifo nossos)*

Está claro que, o fato de haver predomínio da forma capitalista não implica na extinção de formas não-capitalistas de produção. No entanto, caso subsistam estas formas de produção não-capitalistas será necessário que elas passem a produzir valor de troca. A este respeito o autor escreve que, na indústria capitalista:

*'... seu primeiro pré-requisito é o envolvimento de toda a área rural na produção, não de valores de uso mas de valores de troca.' (1977:108)*

Como se vê, Marx não está advogando a necessidade do 'envolvimento de toda a área rural' na relação de produção típica do capital, mas sim, levanta a necessidade de toda a produção gerar valor de troca, isto é, mercadorias. E sabe-se que a relação de produção trabalho-capital não é a única que produz mercadoria.

Outra importante passagem dos 'Grundrisse' é quando Marx menciona os trabalhadores potencialmente livres. Ele escreve:

*'Por outro lado, são pressupostos processos históricos que transformem a massa de indivíduos de uma nação, se não em trabalhadores genuinamente livres, imediatamente, em trabalhadores potencialmente livres...' (1977:97)*

Aqui o autor coloca como pressuposto do modo de produção capitalista a proletarianização da massa da população, mas não necessariamente a proletarianização imedia-

<sup>5</sup> Neste trabalho, não se abordará os motivos desta diferença de ritmos e prazos da penetração do capital na agricultura. A este respeito podem ser consultados Kautsky (1968) e Silva (1981).

ta, mas a proletarianização em potencial. Ou seja, sob a hegemonia do capital, está colocado para todo o produtor direto a possibilidade de vir a se tornar um proletário, destituído dos meios de produção. Além disto, não se trata de uma expressão fortuita de Marx. Em vários momentos ele utiliza expressões semelhantes como 'potenciais trabalhadores-assalariados', 'capital potencial' ou ainda 'trabalhadores livres (potencialmente existentes)' (1977:98-100).

Agora, chega-se à passagem onde Marx é bem mais explícito ao mencionar a possibilidade de persistência ou mesmo recriação, de formas de produção não tipicamente capitalistas, sob o capital.

Referindo-se aos modos de produção antigos, ele fala em 'formas que estes assumam em função de sua renovação à base de capital' (1977:109). Em outros termos, Marx admite explicitamente a possibilidade de ocorrerem 'renovações à base de capital' de formas de produção características a outros modos de produção, no capitalismo.

Noutra passagem, o autor aventa a possibilidade de ocorrer um 'caso mais favorável', onde o trabalhador não seria expropriado:

*'No caso mais favorável ele mantém-se tanto na relação do trabalhador com a terra quanto na relação do dono da terra consigo mesmo, enquanto sujeito trabalhador.'* (1977:93)

Ou ainda: as relações de produção onde o trabalhador é proprietário

*'... são, também, reproduzidas no capital, embora de uma forma indireta (intermediada) e, por isto, também constituem um fermento de sua dissolução e são os símbolos de suas limitações.'* (1977:97)

Como pode-se observar, Marx é bastante claro nestas passagens quanto à possibilidade concreta do capital conviver, 'renovar' ou 'reproduzir de forma indireta (intermediada)' relações de produção diferentes do assalariamento.

Assim, se por um lado Marx nos 'Grundrisse' afirma a inevitabilidade da proletarianização 'por toda a parte' 'das diversas formas' de produção — inclusive 'tipos intermediários e híbridos' —, por outro, levanta a possibilidade da sobrevivência ou mesmo 'renovação à base de capital' de formas de produção não-capitalistas, no campo. Desta forma, qualquer conclusão apressada e simplista a respeito das posições do autor possivelmente implicará em erro. Então, na tentativa de uma maior clarificação passa-se, então, a 'O Capital', sua obra clássica.

### **O campesinato em 'O Capital'<sup>6</sup>**

Semelhante aos 'Grundrisse', em 'O Capital' também encontra-se momentos em que Marx é bastante claro quanto à expropriação radical do campesinato, sob o capital.

<sup>6</sup> Livro Primeiro publicado em setembro de 1867; Livro Segundo em 1885; Livro Terceiro em 1894.

Discutindo a acumulação primitiva, Marx escreve:

*'Duas espécies bem diferentes de possuidores de mercadorias tem de confrontar-se e entrar em contato: de um lado, o proprietário de dinheiro, de meios de produção e de subsistência . . . e, de outro, os trabalhadores livres, vendedores da própria força de trabalho e, portanto, de trabalho. Trabalhadores livres em dois sentidos, porque não são parte direta dos meios de produção, como escravos e servos, e porque não são donos dos meios de produção, como o camponês autônomo, estando assim livres e desembaraçados deles. Estabelecidos esses dois pólos do mercado, ficam dadas as condições básicas da produção capitalista. O sistema capitalista pressupõe a dissociação entre os trabalhadores e a propriedade dos meios pelos quais realizam o trabalho.'* (1980:829-30)

Ainda discutindo a chamada acumulação primitiva, o autor vai colocar, sinteticamente, em que ela se resume:

*'Quando não é transformação direta de escravos e servos em assalariados, mera mudança de forma significa apenas a expropriação dos produtores diretos, isto é, a dissolução da propriedade privada baseada no trabalho pessoal, próprio.'* (1980:879)

Referindo-se à industrialização da agricultura, Marx diz:

*'A indústria moderna atua na agricultura mais revolucionariamente que em qualquer outro setor, ao destruir o baluarte da velha sociedade, o camponês, substituindo-o pelo trabalhador assalariado. As necessidades de transformação social e a oposição de classes no campo são assim equiparadas às da cidade.'* (1980:577)

Discorrendo sobre a transformação das condições de trabalho em capital, o autor escreve:

*'A conversão das condições de trabalho em capital implica terem sido expropriados da terra os produtores diretos e por conseguinte supõe determinada forma de propriedade fundiária (a capitalista).'* (1980b:1006. Parênteses nossos)

Quando Marx discute a renda da terra, na passagem a seguir, simplesmente não menciona o camponês como classe da 'sociedade moderna':

*'Demais, temos aí reunidos e em confronto as três classes que constituem o quadro da sociedade moderna - o trabalhador assalariado, o capitalista industrial e o proprietário da terra.'* (1980b:710)<sup>7</sup>

Por fim, mantendo a mesma linha de raciocínio, referindo-se ao processo de acumulação capitalista, o autor escreve:

*'Produzir mais valia é a lei absoluta desse modo de produção.'* (1980:719)

Como se vê nestas citações precedentes, Marx é bastante explícito quanto ao destino do pequeno produtor rural no modo de produção capitalista: a acumulação primitiva 'significa apenas a expropriação dos produtores diretos', 'destruir o baluarte da velha sociedade, o camponês', pois o capital 'implica terem sido expropriados da terra os produtores diretos. 'Em termos de classe social, os camponeses não fazem parte do 'quadro da sociedade moderna'. Isto ocorre porque produzir mais valia é a 'lei absoluta' do capitalismo. Ou seja, é preciso absolutizar a relação de trabalho capitalista-trabalhador assalariado, pois é a única capaz de produzir mais valia - é a única relação de produção onde a força de trabalho é mercadoria.<sup>8</sup>

Não obstante, seria incorreto tirar-se conclusões a respeito da visão de Marx acerca do tema deste trabalho, caso nos limitássemos a esta situação. Vários outros trechos de 'O Capital', como se verá, dão margem a interpretações diversas.

Assim, o autor vai dedicar páginas e páginas descrevendo a expansão do capitalismo na Inglaterra. Ele relatará os métodos de 'limpeza' do campo utilizados pelos ingleses:

*'O último grande processo de expropriação dos camponeses é finalmente a chamada limpeza das propriedades, a qual consiste em varrer destas os seres humanos . . . (Quando) não há mais camponeses independentes para enxotar, a limpeza prossegue para demolir as choupanas, de modo que os trabalhadores agrícolas não encontram mais na terra que lavram o espaço necessário para sua própria habitação.'* (1980:845)

Em suma, os métodos de acumulação primitiva de capital adotados na Inglaterra foram

*'O roubo dos bens da Igreja, a alienação fraudulenta dos domínios do Estado, a ladroeira das terras comuns e a transformação da propriedade feudal e do clã em propriedade privada moderna, levada a cabo com terrorismo implacável'* (1980:850)

<sup>7</sup> Também mereceria discussão a distinção feita por Marx entre o 'capitalista industrial' e o 'proprietário da terra', acerca de sua generalização para o conjunto do modo de produção capitalista. O caso brasileiro, por exemplo, não se adequa exatamente a esta distinção. Porém, nos limites deste trabalho, não se discutirá esta questão.

<sup>8</sup> A respeito da mercantilização da força de trabalho, e dos motivos pelos quais o capitalismo é o único modo de produção que produz mais valia (não confundir com sobre-trabalho), pode ser consultado Soares (1981).

E para institucionalizar estes métodos foi criada uma legislação específica:

*'Assim, a população rural, expropriada e expulsa de suas terras, compelida à vagabundagem, foi enquadrada na disciplina exigida pelo sistema de trabalho assalariado, por meio de um grotesco terrorismo legalizado que empregava o açoite, o ferro em brasa e a tortura.'* (1980:854)

Além disto, na Inglaterra as tributações e o sistema fiscal tiveram importante papel na expropriação dos camponeses, devido

*'... à violência com que expropria o camponês, o artesão, enfim todos os componentes da classe média inferior... Sua eficácia expropriante é ainda fortalecida pelo sistema protecionista, que constitui uma de suas partes integrantes.'* (1980:874)

Tem-se, assim, em longas passagens de 'O Capital' a descrição minuciosa de como se deu o brutal processo de aniquilamento do pequeno produtor rural, base da acumulação originária de capital, no caso inglês. Então pergunta-se: até onde pode-se universalizar as conclusões de Marx, com base no estudo do processo inglês? Quais as conclusões podem ser universalizadas? E qual a abrangência desta universalização?

Marx fornece alguma pista. Discutindo a pequena propriedade camponesa no capitalismo, ele escreve:

*'... se domina a propriedade parcelária — estamos abstraindo das colônias — e se o pequeno camponês constitui a base da nação, a formação de capital, isto é, a reprodução social, será relativamente débil e ainda mais débil a formação de capital-dinheiro de empréstimo...'* (1980b:928. Grifo nosso)

Ou seja, se a base da nação é camponesa, a formação de capital é débil. Mas isto é válido para os países mais avançados. Marx está 'abstraindo as colônias'. Assim, o próprio autor, chama a atenção para uma possível limitação desta sua conclusão. Talvez não se aplicasse ao caso das colônias.

De maneira semelhante, outra passagem levanta esta questão:

*'A propriedade parcelária livre do próprio cultivador da terra era, nos melhores tempos da antiguidade clássica, a forma dominante, normal, e constituía a base econômica da sociedade; entre os povos modernos, é uma das formas que surgiu da decomposição da propriedade fundiária feudal. Encontramo-la na yeomanry da Inglaterra, na classe rural da Suécia, e entre os camponeses da França e da Alemanha Ocidental. Deixamos de lado as colônias, pois o camponês independente aí se desenvolve noutras condições.'* (1980b:924. Grifo nosso)

Como se vê, Marx chama a atenção para as disparidades que há na inserção do pequeno produtor no sistema produtivo europeu e como isto se dá nas colônias. Novamente aparecem os limites das generalizações. E é interessante notar-se que, inclusive, o autor fala no camponês que **se desenvolve** nas colônias, contrariando aquela visão de extermínio sumário dos mesmos.<sup>9</sup>

Outro importante aspecto levantado por Marx acerca do desenvolvimento do capitalismo no panorama agrário, diz respeito às peculiaridades e singularidades deste processo, se comparado à industrialização urbana. Ele escreve:

*'O modo capitalista de produção apodera-se da agricultura de maneira lenta e desigual, conforme se pode verificar na Inglaterra, o exemplo clássico do modo capitalista de produção na agricultura.'* (1980b:775)

Portanto, o autor não faz aqui uma transposição mecânica para o campo do desenvolvimento urbano do capital. Procura salientar as dificuldades e disparidades deste desenvolvimento.

Outro elemento a destacar-se é o grau de generalização do processo de proletarização do produtor agrícola. Marx escreve:

*'Na parte sobre acumulação primitiva, vimos que esse modo de produção supõe que o produtor direto se liberte da condição de mero acessório da terra e ainda que a massa do povo fique despojada da propriedade do solo.'* (1980b:707-8. Grifo nosso)

Ou ainda, Marx fala em expropriação 'da grande massa da população' (1980b:880) e do proletariado como 'base da nação' (1980b:928). Mas de maneira mais clara ele dirá:

*'Mas a existência desse trabalhador em escala social é condição imprescindível para que D-M, transformação de dinheiro em mercadoria, possa configurar-se em transformação de capital-dinheiro em capital produtivo.'* (1980a:37. Grifo nosso)

Como se evidencia nestas passagens, quando o autor se refere ao processo de expropriação dos camponeses ele coloca que este processo se dá ao nível social, isto é, em termos de classes sociais, das relações das classes umas com as outras. Porém, quando Marx utiliza expressões como a 'base da nação', 'em escala social', ele quer deixar claro que é necessário, para o desenvolvimento do capitalismo, a formação de uma **classe social** vendedora de sua força de trabalho — os prole-

<sup>9</sup> É interessante notar também que, no caso inglês, um dos motivos da expropriação dos camponeses foi a necessidade da formação de um mercado interno (1980:865). Já nas colônias, o Brasil por exemplo, o processo se dá de maneira diferente. Aqui os pequenos produtores serão um importante mercado interno para o capital.

tários — e, inclusive, no campo. ‘Em escala social’ é preciso que se dê este processo e para isto é necessário que ‘o grosso’ da população, ‘a massa’, ‘a base’ se proletarize.

Disto pode-se interpretar que, ao utilizar tais expressões, Marx relativiza este processo de expropriação. Ou seja, este processo ocorre em relação ao conjunto da sociedade, e, portanto, a expropriação não exclui a não-expropriação de parcelas da população, que não ‘a base’, ‘a massa’ da nação. Mas, nem por isto são insignificantes e desprezíveis.

Semelhante ao que aparece nos ‘Grundrisse’, também em ‘O Capital’ Marx fala em ‘pressuposto histórico’ (1980b:708) do modo de produção capitalista.

O autor apresenta a expropriação dos camponeses como pré-requisito histórico, ou seja, a expulsão das massas camponesas consiste numa tarefa histórica que deve ser levada a cabo pelo capital. Dito desta forma, não se pode afirmar que Marx esteja se referindo à expropriação camponesa como um fenômeno absoluto e avassalador, pois, entende-se que não existe contradição entre a expropriação enquanto ‘pressuposto histórico’ do capital e a permanência ou mesmo recriação de formas de produção de tipo camponesa, evidentemente não enquanto fenômeno histórico, mas local, particular ou conjuntural.

Também, chama a atenção o fato de Marx colocar, em várias passagens, a relação de produção trabalho-capital típica como condição para a produção capitalista em toda a sua plenitude, e não como condição para a produção capitalista simplesmente, seja qual for o seu grau de desenvolvimento. Observe-se:

*‘ . . . a produção capitalista, e portanto a produção de mercadorias, só aparece em toda a sua extensão, quando o produtor agrícola direto é trabalhador assalariado.’ (1980a:119)*

Em outros termos:

*‘Na produção capitalista evoluída, o trabalhador não é proprietário das condições de produção, do campo que cultiva, da matéria prima com que trabalha, etc.’ (1980b:683)*

Ou ainda:

*‘Só assumindo a forma capitalista pode a produção de mercadorias tornar-se produção em grande escala.’ (1980:725. Grifos nossos)*

Como se vê, Marx associa o assalariamento dos produtores com o capitalismo desenvolvido em um certo grau. Portanto, disto pode-se inferir que, para ele, é possível a convivência de diferentes formas de produção com a forma tipicamente capitalista, numa situação em que a produção não seja ainda ‘em grande escala.’ não esteja ainda totalmente ‘evoluída’.

Além disto, outro aspecto digno de menção, nesta discussão diz respeito à necessidade que o capital tem de aumentar o proletariado. Segundo Marx, ‘acumular

capital é portanto aumentar o proletariado.' (1980:714) Em outras palavras, 'o mecanismo do próprio processo de acumulação aumenta, juntamente com o capital, a quantidade dos 'pobres laboriosos', isto é, dos assalariados . . .' (1980:716)

Assim, para Marx, o capital para satisfazer suas necessidades busca aumentar o proletariado. Aqui o autor não está defendendo a idéia de que, para o capital, é preciso transformar todos os produtores diretos em trabalhadores assalariados. Portanto, pensa-se que, aumentar o proletariado não implica, necessariamente, em exterminar todo o pequeno produtor.

Por fim, Marx vai fazer uma importante ressalva:

*'Não nos atinge a objeção de que existiram e existem ainda outras formas de propriedade fundiária e de agricultura . . . Para nós é mister estudar a moderna forma da propriedade fundiária, por ser nosso propósito sobretudo examinar as relações específicas de produção do capital na agricultura.'* (1980b:706)

Então, o autor deixa claro que o seu objeto de estudo, quanto à problemática agrária, será a propriedade capitalista e as relações de produção e circulação daí decorrentes. Portanto, pouca importância dará ele ao estudo de 'outras formas de propriedade fundiária' e suas relações de produção. Esta secundarização que Marx faz, neste momento, ao estudo da pequena produção levantam dúvidas quanto à amplitude e à profundidade das conclusões do autor acerca destas formas de produção. Aparentemente, esta secundarização impõe limites à generalização e à extrapolação.

#### ALGUMAS CONCLUSÕES

Chega-se ao ponto em que deve-se colocar, senão todos, pelo menos alguns 'pingos nos is'. Primeiro é preciso dizer que Marx tem razão quando aponta o caráter progressista — a seu tempo — do modo de produção capitalista. Indiscutivelmente, o enorme desenvolvimento das forças produtivas e a socialização da produção alcançados sob a égide do capital representaram um imenso progresso social.

E o caráter progressista se evidenciou, com maior agudez ainda, quando o capitalismo 'não forjou somente as armas que lhe darão morte; produziu também os homens que manejarão essas armas — os operários modernos, os proletários' (1977a:26).

Partindo desta visão é que Marx vai conferir ao proletariado o caráter da classe revolucionária, isto é, o proletariado seria aquela classe social que, no capitalismo, teria a tarefa histórica de libertar a civilização humana de jugo da 'exploração do homem pelo homem', construindo o socialismo.

Esta 'classe revolucionária surge, desde o início, não como classe, mas como representante de toda a sociedade, porque já se defronta com uma classe; aparece como a massa inteira da sociedade frente à única classe dominante' (1977b:74).

Pois, 'a sociedade divide-se cada vez mais em dois vastos campos opostos: a burguesia e o proletariado' (1977b:74).

Assim, segundo o autor, restam às demais classes o lugar de classes intermediárias, posicionadas entre as duas classes fundamentais da sociedade capitalista. A este respeito ele diz:

*'As classes médias — pequenos comerciantes, pequenos fabricantes, artesãos, camponeses — combatem a burguesia porque esta compromete sua existência como classes médias. Não são pois revolucionárias, mas conservadoras; mais ainda, reacionárias, pois pretendem fazer girar para trás a roda da história. Quando são revolucionárias é em conseqüência de sua iminente passagem para o proletariado; não defendem então seus interesses futuros; abandonam seu próprio ponto de vista para se colocar no do proletariado.'*  
(1977a:29)

Tomando o caso do campesinato, que mais interessa neste estudo, viu-se como Marx o caracteriza, em particular, em 'O 18 Brumário'. Lá, ele procura retratar objetivamente as condições reais de vida destes habitantes do meio rural. Portanto, não se vê na adjetivação de Marx alguma dose de subjetivismo. Aparentemente, ao destacar os aspectos progressistas do capitalismo e do proletariado, enquanto negação dialética desta sociedade, o autor não está tratando com desdém as classes 'intermediárias' e, a partir daí, prognosticando o seu extermínio puro e simples.

Acredita-se que tirar estas conclusões, a partir de um suposto preconceito de Marx em relação aos camponeses, é incorreto. É a partir de uma análise criteriosa do lugar na produção capitalista que o autor situa o papel social tanto do proletariado quanto do campesinato. Assim, dada a heterogeneidade, a dispersão, a atomização, a desarticulação e a conseqüente desorganização (como 'batatas num saco'), Marx confere à pequena-burguesia, e aos camponeses em particular, o lugar de classe auxiliar num processo revolucionário, sob direção do proletariado. Então, não se trata de alguma discriminação valorativa de Marx, mas de uma clarificação das complexas relações sociais que permeiam nossa sociedade.

Logo, do que foi dito, não se depreende que o autor esteja vislumbrando alguma espécie de liquidação absoluta e sumária, a nível global do modo de produção capitalista, do conjunto desta classe 'embrutecida', 'supersticiosa', 'conservadora' e 'reacionária'.

Além disto, caso tome-se em conjunto as três obras aqui analisadas não se encontrará um Marx taxativo e dogmático quanto ao destino da pequena produção camponesa no capitalismo. Se é verdade que existem passagens onde Marx se apresenta bastante categórico — conforme foi visto — quanto a esta questão, observa-se que tais passagens não chegam a articular-se, no conjunto destes três escritos, enquanto posição incontestada do autor sobre o tema. Mas, desta forma, poderia-se pensar que estas passagens seriam contraditórias com o todo do texto. Sem dúvida, tomadas isoladamente, estas e outras passagens apresentam-se como contraditórias, umas em relação às outras. Porém, tomadas enquanto partes constitutivas do conjunto da

obra, estes trechos parecem dar conta justamente daquilo que é a riqueza, a complexidade, a diversidade, e mesmo, a contraditoriedade do desenvolvimento do capitalismo no campo.

Por outro lado, o fato de Marx, no conjunto de sua obra, não colocar o aniquilamento do camponês — enquanto classe social — como inexorável, também atesta a agudeza da percepção do autor quanto à complexidade e contraditoriedade de tal desenvolvimento. Daí as dificuldades de enquadrá-lo em algum esquema simplista.

Assim, não se considera que Marx é determinista, nem, muito menos, mecanicista quanto ao destino do campesinato, sob o capital. O autor apontava, sim, uma tendência, mas uma tendência geral e estrutural para o desenvolvimento do capitalismo no campo. Em 'escala social', o capital expropria os produtores familiares transformando-os, 'potencialmente', em trabalhadores assalariados. Para o capital é preciso a 'predominância' da relação de produção trabalho assalariado/capital.

Não obstante, ao afirmar-se uma tendência geral, ao nível do modo de produção, de desenvolvimento do capitalismo, não se está excluindo a possibilidade de ocorrência de outras tendências. Tendências não estruturais, particulares, localizadas e até mesmo em sentido contrário. Com isto afirma-se que, sob o capital, o campesinato não é uma classe fundamental e que, portanto, a nível global do modo de produção existe uma tendência: ou a sua absorção pela classe dominante ou — o que é o mais provável — a sua precipitação no proletariado. Mas por outro lado, esta tendência não anula a possibilidade de outras tendências — limitadas no espaço e no tempo — em que se mantenham alguma forma de pequena produção familiar, no modo capitalista de produção.

#### REFERÊNCIAS

- KAUTSKY, K. *A questão agrária*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1968. 329p.
- MARX, K. *O capital*. 3. ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1980. 924p.
- . *O capital*. 3. ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1980a. 579p.
- . *O capital*. 3. ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1980b. 1079p.
- . *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. In: OS PENSADORES. 2. ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978. p. 273-407.
- . *Formações econômicas pré-capitalistas*. 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977. 136p.
- . *A ideologia alemã*. São Paulo, Grijalbo, 1977b. 138p.
- . *Manifesto do partido comunista*. In: MARX, K. & ENGELS, F. *Textos*. São Paulo, Alfa-Omega, 1977a. v.3. p. 7-47.
- SILVA, J. F. G. da. *Progresso técnico e relações de trabalho na agricultura*. São Paulo, Hucitec, 1981. 210p.
- SOARES, L. E. *Campesinato: ideologia e política*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981. 227p.